

Resiliência na População Transgênero: Uma Revisão Sistemática

L.P. Rodrigues

Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dra. Naiana Dapieve Patias, orientadora

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

A população transgênero (trans) encontra-se em caráter de vulnerabilidade, sendo exposta à diversas situações estressoras de violência e estigmatização. Apesar de divergências acerca de sua definição, a resiliência parece constituir fator protetivo frente a estressores podendo contribuir para promoção de saúde mental em indivíduos trans. O presente estudo buscou analisar publicações nacionais e internacionais acerca da resiliência na população transgênero, a fim de sintetizar o que foi investigado na literatura sobre o tema. Para tanto, foi realizada uma revisão sistemática da literatura por meio das palavras-chave “*psychological resilience*” AND “*transgender persons*” em cinco bases de dados, sendo três nacionais (ScieELO, PePSIC e BVS) e duas internacionais (PubMed e PsychINFO). Foram incluídos na amostra final artigos completos que apresentassem resultados relevantes acerca de resiliência e que possuísem amostra de participantes composta exclusivamente por pessoas transgênero, obtendo-se amostra final de 11 artigos. Constatou-se a ausência de estudos nacionais acerca da temática, grande variabilidade de definições para resiliência e a quase totalidade de amostras provenientes dos Estados Unidos e Canadá. O modelo de “estresse de minoria” de Meyer (2003) foi relacionado à resiliência em grande parte da amostra, a qual também evidenciou a importância dos relacionamentos sociais enquanto fonte de resiliência frente à estressores e situações de violência. Outras variáveis citadas foram a idade como promotora de desenvolvimento da resiliência, a estabilidade emocional e a autoestima. Sugere-se maior investigação do fenômeno em âmbito nacional, considerando a dificuldade de generalização dos resultados devido a diferenças culturais, bem como novas revisões mais abrangentes em diferentes bases de dados.

Palavras-chave: resiliência, transgêneros

Abstract

The transgender (trans) population finds itself in a vulnerable position, being exposed to several stressful situations related to violence and stigma. Although there are divergences regarding its definition, resilience appears to be a protective factor for stressors and, therefore, could possibly contribute to mental health promotion in trans individuals. The current study aims to analyze both national and international research regarding resilience in the transgender population, with hopes to synthesize what has been studied on the subject. With that aim, a systematic review was performed using the keywords “psychological resilience” AND “transgender persons” on five different databases, three being national (ScieELO, PePSIC e BVS) and two international (PubMed e PsychINFO). Inclusion criteria were journal articles with available full text, relevant results regarding resilience and with samples exclusively composed of transgender individuals, with a final sample of 11 journal articles. Results showed an absence of national studies on the subject, a wide range of definitions for resilience and an almost totality of samples originating from the US and Canada. Meyer’s minority stress model (2003) was mentioned as related to resilience on a large portion of the sample, which also evidenced the importance of social relationships as a source of resilience in the face of stressors and violent situations. Other variables cited in the sample were age as an enabler for the development of resilience, emotional stability and self-esteem. Future research should investigate the subject nationally, considering difficulty in generalizing results due to cultural differences, as well as new, more ample reviews on different databases.

Keywords: resilience, transgenders

Resiliência na População Transgênero: Uma Revisão Sistemática

Indivíduos transgêneros (trans) são aqueles/as que percebem sua identidade de gênero como diferente do sexo designado ao nascer e que podem ou não realizar intervenções cirúrgicas e/ou hormonais a fim de adequar seu corpo à identidade percebida (Balzer & Hutta, 2011). A população transgênero brasileira encontra-se em situação de vulnerabilidade (Benevides & Nogueira, 2019; Silva, 2018) em relação à população geral. Pesquisas nacionais recentes explicitam as diversas formas de violências sofridas por pessoas trans no país (BRASIL & Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2016; Rocon, Rodrigues, Zamboni, & Pedrini, 2016), o qual figura como primeiro colocado em número de assassinatos de indivíduos trans, em levantamento realizado pela Transgender Europe em parceria com a Rede Trans Brasil nos anos de 2008 a 2016 (Balzer, Lagata, & Berredo, 2016).

Para além da identificação de situações de violência, estudos realizados no Brasil buscam investigar os efeitos gerados por essas situações violentas (tanto físicas quanto psicológicas) na saúde mental e física da população trans brasileira. Os resultados das publicações nacionais apresentam indícios de consequências negativas tanto em relação à integridade física (ferimentos, agressões, não procura por atendimento médico, utilização inadequada de medicações, abuso de substâncias) quanto à saúde mental (depressão, ideação suicida e tentativa de suicídio), ambas relacionadas às situações de violência e, especialmente, marginalização enfrentadas por indivíduos transgêneros no país (Rocon, Sodré, Zamboni, Rodrigues, & Roseiro, 2018; Sousa & Iriart, 2018; Souza, Malvasi, Signorelli, & Pereira, 2015).

Pesquisas internacionais acerca da mesma temática corroboram tanto com o caráter de vulnerabilidade da população trans (Başar, Öz, & Karakaya, 2016; Hughto, Reisner, & Pachankis, 2015) quanto com os índices elevados de mortalidade e adoecimento mental (Bry,

Mustanski, Garofalo, & Burns, 2017; Factor & Rothblum, 2008; Mereish, O’Cleirigh, & Bradford, 2014; Valentine & Shipherd, 2018) relacionados à estigmatização e marginalização frente ao restante da sociedade. Em contrapartida, estudos relataram que indivíduos transgênero fazem uso de seus próprios recursos, como a resiliência, bem como de sua rede de apoio social e institucional a fim de manejar situações de estresse relacionadas ao estigma (Bry et al., 2017; Budge, Chin, & Minero, 2017; Freese, Ott, Rood, Reisner, & Pantalone, 2017). A resiliência, em especial, foi apontada enquanto importante fator no enfrentamento de situações de estresse nos estudos de Bry e colaboradores com homens de minorias sexuais (não-heterossexuais) e mulheres transgênero (Bry et al., 2017). Sua importância enquanto fator protetivo também foi demonstrada em outras populações, como indivíduos com experiências adversas na infância (Meng, Fleury, Xiang, Li, & D’Arcy, 2018; Poole, Pusch, & Dobson, 2017), com doenças crônicas (Kim, Lim, Kim, & Park, 2019) e em idosos (Fontes, Fattori, D’Elboux, & Guariento, 2015; Gooding, Hurst, Johnson, & Tarrier, 2012).

A definição de resiliência segundo a American Psychological Association (APA) introduz o conceito enquanto processo de boa adaptação frente a ameaças, tragédias, traumas ou fontes significativas de estresse, como problemas de saúde, de relacionamento, no local de trabalho ou até financeiros (American Psychological Association, 2011). Ainda de acordo com a associação, a resiliência também seria comum a todos os indivíduos em maior ou menor grau, não constituindo traço inato, mas sim um conjunto de ações, pensamentos e comportamentos que podem ser desenvolvidos e aprendidos pelo sujeito. Apesar de haver definição popularmente difundida, a resiliência enquanto conceito não possui consenso na comunidade científica (Bryan, O’Shea, & MacIntyre, 2019; Masten & Cicchetti, 2016; Shean, 2015). Inicialmente interpretada como característica de personalidade, a resiliência começou a ser investigada de forma mais descritiva, com identificação de fatores pessoais, ambientais e sociais relacionados à mesma (Masten & Cicchetti, 2016).

Essa perspectiva evoluiu, segundo os autores, em conjunto com teorias de desenvolvimento, e, atualmente, considera-se a resiliência não mais enquanto traço, mas sim enquanto processo. As definições contemporâneas para resiliência tornaram-se, portanto, mais dinâmicas, enfatizando os processos de adaptação e a distribuição da capacidade para se adaptar, ao invés de noções de habilidade ou “resistência” inerente ao indivíduo (Masten & Cicchetti, 2016). Em revisão narrativa da literatura, Shean (2015) explicita a ausência de consenso na literatura ao apresentar e comparar seis diferentes autores com definições próprias acerca do processo de resiliência, a saber: Michael Rutter, Norman Garnezy, Emmy Werner, Suniya Luther, Ann Masten e Michael Ungar. A autora enfatiza, no entanto, que todas as definições possuem dois pontos centrais em comum: que o indivíduo esteve em situação de sério risco e que demonstrou funcionamento positivo de alguma forma. Além disso, também é comum a todas as definições a noção de que resiliência não constitui característica ou qualidade especial, com a qual apenas alguns nasceriam, ou seja, não seria inata. Tais semelhanças teóricas são contempladas pela definição abrangente da APA (2011) previamente apresentada e que, para fins de conceituação frente à indefinição na literatura, será utilizada ao longo deste estudo.

A partir da vulnerabilidade apresentada pela população trans (Başar et al., 2016; Hughto et al., 2015; Rocon et al., 2018; Sousa & Iriart, 2018; Souza et al., 2015) e a contribuição da resiliência para saúde mental do indivíduo frente ao estresse (Bry et al., 2017; Fontes et al., 2015; Gooding et al., 2012; Kim et al., 2019; Meng et al., 2018; Poole et al., 2017), o presente artigo buscou revisar as publicações nacionais e internacionais em torno da temática da resiliência em pessoas transgênero. Desejou-se evidenciar a relevância da resiliência nessa população a partir da investigação, nos estudos, dos instrumentos utilizados, conceitos e variáveis associadas, tendo em vista o elevado número de estressores aos quais estão expostos.

Método

Foi realizada uma revisão sistemática de estudos nacionais e internacionais a partir dos passos descritos por Costa e Zoltowski (2014). O primeiro passo refere-se à delimitação da questão pesquisada e, para tanto, delimitou-se ao estudo a seguinte questão: O que tem sido publicado sobre resiliência em pessoas trans? Como segundo e terceiro passos, os autores definem a escolha das bases de dados, assim como das palavras-chave para, então, realizar a busca de material. Nestas etapas foram definidas as palavras-chave a partir dos descritores disponíveis no DeCS (Descritores em Ciências da Saúde) (www.decs.bvs.br) e operador booleano “*transgender persons*” AND “*psychological resilience*”. Após, foram escolhidas as bases de dados eletrônicas, a saber: (a) SciELO (Scientific Electronic Library Online); (b) PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia); (c) BVS (Biblioteca Virtual em Saúde); (d) MEDLINE (PubMed); e (e) PsycINFO. Optou-se por utilizar três bases nacionais de grande abrangência, a fim de maximizar a identificação de artigos nacionais, além de duas bases internacionais, escolhidas a partir da listagem sugerida por Costa e Zoltowski (2014). Os resultados da pesquisa foram listados em arquivo do Microsoft Word, não havendo delimitação para ano de publicação dos artigos na busca, tendo em vista o baixo volume de documentos recuperados nas pesquisas.

De acordo com Costa e Zoltowski (2014), após a delimitação da questão e escolha tanto das fontes de dados quanto das palavras-chave para as buscas, inicia-se o quarto passo: a pesquisa propriamente dita e o armazenamento de seus resultados. A busca nas bases de dados forneceu 89 resultados, distribuídos em sua grande maioria na base PsycINFO (53 resultados), seguida pela base MEDLINE (19 resultados), e pela BVS (17 resultados). As pesquisas nas bases SciELO e PePSIC não retornaram resultados. Após as buscas, iniciou-se

a quinta etapa descrita pelos autores: seleção de artigos a partir dos critérios de inclusão e exclusão pela leitura de resumos. Os documentos fornecidos pelas buscas foram classificados de acordo com os seguintes critérios de inclusão: (a) artigos completos publicados em periódicos; (b) artigos que apresentassem amostra constituída exclusivamente por pessoas trans. No que diz respeito aos critérios de exclusão, foram considerados os seguintes aspectos: (a) artigos repetidos, (b) em idioma diferente do inglês, português ou espanhol, (c) teses, dissertações editoriais, frameworks e livros (d) artigos de revisão teórica, narrativa ou bibliográficos e de construções de escalas.

Após a classificação dos documentos a partir dos critérios de inclusão e exclusão, seguindo as diretrizes propostas por Costa e Zoltowski (2014), obteve-se amostra final de 18 artigos, os quais foram submetidos à leitura na íntegra a fim de averiguar a presença ou ausência de resultados relacionados ao conceito de resiliência. A partir da leitura, seguiu-se ao sexto passo proposto pelos autores, com a extração dos dados dos artigos selecionados e foco nas informações relacionadas à resiliência. Após tabulação dos dados e leitura na íntegra, a sétima etapa consistiu na avaliação dos artigos a partir de critérios estabelecidos previamente. Foram excluídos artigos que não apresentassem dados acerca da resiliência em seus resultados e/ou discussão, com amostra final totalizando 11 artigos considerados para leitura e classificação, a oitava etapa da revisão sistemática. A Figura 1 ilustra o processo de inclusão, exclusão e classificação final dos artigos, enquanto que a Tabela 1 apresenta os artigos componentes da amostra final e principais informações.

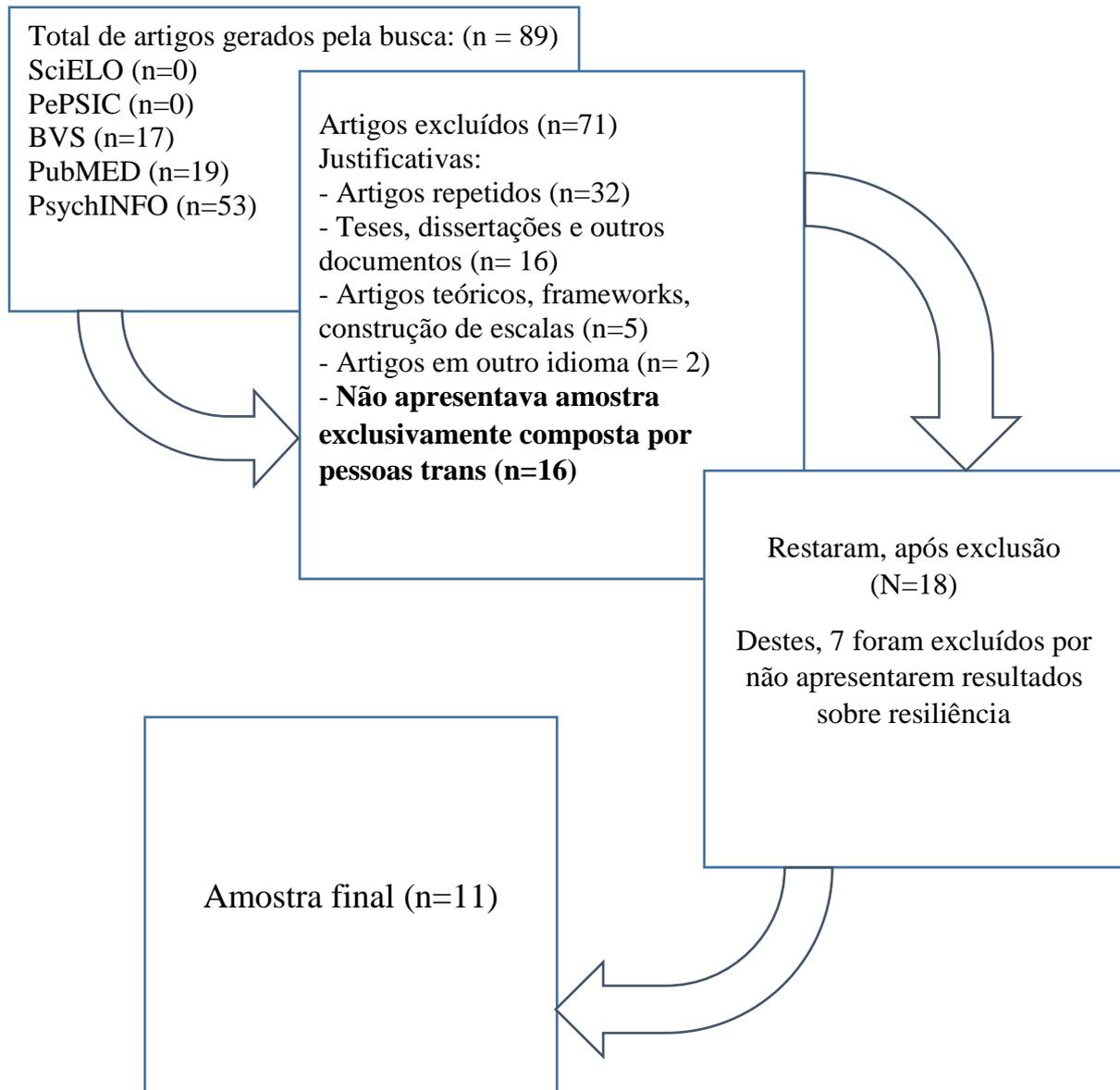


Figura 1. Fluxograma representando as etapas da revisão sistemática.

Tabela 1*Listagem dos artigos componentes da amostra final*

<u>Título</u>	<u>Autor</u>	<u>Ano</u>	<u>Objetivo</u>	<u>Principais Resultados</u>
A1 - Stigma, mental health, and resilience in an online sample of the US transgender population	Bockting, Miner, Romine, Hamilton & Coleman	2013	Investigar associação entre estresse de minoria, saúde mental e fatores potencialmente amenizadores da população transgênero americana.	Apoio de pares enquanto fator de resiliência frente a experiências reais de discriminação.
A2 -Suicide protective factors among trans adults	Moody & Smith	2013	Identificar fatores protetivos ao suicídio em indivíduos trans.	Apoio familiar percebido, estabilidade emocional e preocupações com filhos/crianças predisseram negativa e significativamente comportamento suicida dos participantes. Amostra com taxas menores que a média de resiliência ao suicídio.
A3 - Female-to-male transmasculine adult health: A mixed-methods community-based needs assessment	Reisner, Gamarel, Dunham, Hopwood & Hwahng	2013	Investigar construtivamente a saúde e necessidades de saúde percebidas de adultos transmasculinos.	Coesão e conexão da comunidade, ativismo/advocacia e consciência e diversidade dentro da comunidade são fontes de resiliência.
A4 - Gender abuse and major depression among transgender women: A prospective study of vulnerability and resilience	Nuttbrock, Bockting, Rosenblu, Hwahng, Mason, Macri & Becker	2014	Examinar o contexto social e interpessoal da violência de gênero e seus efeitos na depressão maior do DSM-IV entre mulheres trans.	Indivíduos trans de maior idade têm maior resiliência frente a abuso psicológico, porém não ao abuso físico.
A5 - Demographic and psychosocial factors associated with psychological distress and resilience among transgender individuals	Bariola Lyons, Leonard, Pitts, Badcock & Couch	2015	Examinar fatores demográficos e psicossociais independentes associados a sofrimento psicológico e resiliência entre homens e mulheres trans.	Maior resiliência associada a maior renda, heterossexualidade e contato frequente com outros indivíduos LGBT.
A6 - Experiencing violence and enacting resilience: The case story of a transgender youth	DiFulvio	2015	Apresentar exemplo de estudo de caso sobre como uma jovem trans interpretou e respondeu adaptativamente à discriminação e preconceito encontrado por ela.	Conexão social enquanto fonte de resiliência; resiliência enquanto processo, fator que é adquirido e pode ser aprimorado durante a vida.
A7 - Body image in transgender young people: findings from a qualitative,	McGuire, Doty, Catalpa, & Ola	2016	Examinar as formas nas quais jovens trans experienciam seus	Participantes relataram autoaceitação e superação de

community based study A8 - The impact of social connectedness and internalized transphobic stigma on self-esteem among transgender and gender non-conforming adults	Austin & Goodman	2017	corpos em relação a gênero e tamanho. Explorar impacto e interação entre preconceito transfóbico internalizado e potencial “escudo” contra estresse de minoria-conectividade social-na autoestima de adultos trans e em não-conformidade de gênero.	preconceitos sociais , relacionados a resiliência. Demonstrou que conectividade social está significativamente associada com maior autoestima e, subsequentemente, melhor resiliência.
A9 - Understanding intersectionality and resiliency among transgender adolescents: Exploring pathways among peer victimization, school belonging, and drug use	Hatchel & Marx	2018	Explorar relações entre vitimização por pares, pertencimento escolar e uso de drogas entre jovens trans, bem como o papel de suas identidades interseccionais.	Resultados sugerem que identidades em intersecção (trans + <i>person of color</i>) podem ser fonte de resiliência. Fazer parte de múltiplos grupos minoritários pode ser fonte de resiliência.
A10 - Generational differences in internalized transnegativity and psychological distress among feminine spectrum transgender people	Jackman, Dolezal, & Bockting	2018	Examinar transnegatividade internalizada e sofrimento psicológico em dois grupos etários de indivíduos trans cuja identidade de gênero está no espectro feminino.	Resultados podem apontar que indivíduos mais velhos desenvolveram habilidades de enfrentamento e sistemas de apoio social que aumentam sua resiliência. Menor nível de estresse psicológico no grupo de maior idade .
A11 - Internalized transphobia, resilience, and mental health: Applying the psychological mediation framework to Italian transgender individuals	Scandurra, Bochicchio, Amodeo, Esposito, Valerio, Maldonato, Bacchini & Vitelli	2018	Investigar, em 149 indivíduos italianos trans, o papel da transfobia internalizada como mediadora entre discriminação transfóbica e saúde mental, considerando a resiliência como a forma de enfrentamento a nível individual, reduzindo o impacto dessa relação..	Resiliência negativamente associada a problemas de saúde mental. Resultados consistentes com estudos que sinalizam a resiliência enquanto fator protetivo em minorias sexuais e de gênero.

Resultados

Os artigos componentes da amostra final foram lidos na íntegra e, logo após, agrupados a partir de quatro grandes categorias de análise selecionadas à priori. A saber, os artigos foram analisados a partir de: (a) Caracterização das amostras; (b) Características metodológicas; (c) Conceito de resiliência utilizado; e (d) Variáveis associadas à resiliência.

Caracterização da amostra

Nesta categoria, são descritos os participantes dos estudos que compuseram a amostra final da revisão. Oito dos 11 artigos componentes da amostra final possuem como amostra pessoas transgênero maiores de 18 anos, com exceção de três pesquisas (A6, A7 e A9), cuja amostra caracterizava-se, respectivamente, por: adolescente trans de 14 anos; jovens e jovens adultos trans de 15 a 30 anos; e jovens trans de 10 a 18 anos.

A seleção para participação do estudo se deu, em grande parte, por meio da internet (A1, A2, A5, A7, A10 e A11). Especificamente, quatro artigos utilizaram sites e fóruns voltados ao público LGBT (A1, A2, A7 e A10), dois utilizaram redes sociais (A5 e A11) e outros dois enviaram e-mails obtidos por meio de listas de contatos (A2 e A7) a fim de convidar participantes para o estudo. Um artigo também selecionou participantes por meio de grupos locais voltados à população LGBT (A7), enquanto outros dois (A3, A8) obtiveram amostra composta por conferencistas em evento de saúde transgênero. Um artigo utilizou subamostra de estudantes provenientes de estudo maior aplicado em escolas (A9). Por fim, um dos estudos não explicitou a forma de escolha da participante (A6).

A maior parte dos estudos (A1, A2, A5, A7, A8, A9 e A11) possui como amostra pessoas transgênero independentemente de subidentificação, ou seja, a partir da definição mais abrangente do termo (não-identificação com sexo biológico designado ao nascer). Três artigos possuem amostras compostas apenas por pessoas transfemininas (A4, A6 e A10), enquanto que apenas um (A3) delimitou a amostra a pessoas transmasculinas. Indivíduos transmasculinos e transfemininos identificam-se não só enquanto pessoas trans, mas também com identidades consideradas masculinas (homem, menino, masculino) ou femininas (mulher, menina, feminino), respectivamente (WPATH, 2009).

Os participantes são majoritariamente provenientes de países de língua inglesa da América do Norte, a saber, EUA e Canadá (A1, A2, A3, A4, A6, A8, A9 e A10). Um dos

estudos possui participantes da Irlanda (A7), enquanto que dois artigos (A5, e A11) possuem amostras inteiramente provenientes de outros países, Austrália e Itália, respectivamente.

Características metodológicas

Os delineamentos dos artigos, suas formas de coleta de dados, bem como os instrumentos para a avaliação da resiliência serão descritos brevemente nesta seção. Estudos quantitativos compõem a maior parte da amostra final (A1, A2, A4, A5, A8, A9, A10 e A11), restando dois artigos (A6 e A7) com abordagem qualitativa e um (A3) com abordagem mista.

A coleta de dados foi, majoritariamente, por meio de questionários e instrumentos padronizados os quais foram utilizados em todos os estudos quantitativos (A1, A2, A4, A5, A8, A9, A10 e A11) e na porção quantitativa do estudo misto (A3). Já as entrevistas semiestruturadas foram realizadas em um dos estudos qualitativos (A7), bem como na etapa qualitativa do estudo misto (A3). Um estudo qualitativo utilizou o delineamento de “história de vida” para conduzir a entrevista (A6). Todos os estudos componentes da amostra são de caráter transversal, à exceção de uma única pesquisa longitudinal (A4), a qual coletou informações de uma mesma amostra em diferentes períodos de tempo.

Acerca dos instrumentos utilizados para avaliar resiliência, a grande maioria dos artigos não investigou esse aspecto diretamente (A1, A4, A6, A7, A8, A9 e A10), trazendo o conceito de forma contextualizada ao discutir resultados, ou seja, há a introdução do conceito durante a discussão para contextualizar dados. Três estudos utilizaram instrumentos validados para avaliação do construto (A2, A5 e A11), enquanto um (A3) utilizou questionário com pergunta específica sobre resiliência. Os instrumentos utilizados foram: *Suicide Resilience Inventory-25 – SRI-25* (Osman et al., 2004), para avaliação da resiliência ao suicídio (A2); *Brief Resilience Scale – BRS* (Smith et al., 2008), instrumento de aplicação rápida para

avaliação da resiliência (A5); e a *Resilience Scale – RS* (Wagnild & Young, 1993), versão adaptada e validada para a população italiana (Peveri, 2008), contendo 10 itens (A11).

Conceito de resiliência

A seção a seguir explicita, de forma breve, as definições de resiliência utilizadas nos artigos revisados. O conceito de resiliência mais referido pelos artigos (A1, A3, A4, A5, A7, A8, A10) é o proposto por Ann Masten e cuja definição mais atual consiste em compreender a resiliência como “a capacidade de um sistema dinâmico de se adaptar de forma bem-sucedida à perturbações que ameacem a funcionalidade, viabilidade ou desenvolvimento do sistema” (Masten, 2014, p. 6).

Três artigos (A3, A9 e A11) utilizam a autora Suniya Luthar para contextualizar resiliência, cuja teoria define o conceito como “processo dinâmico constituído por adaptação positiva no contexto de adversidade significativa” (Luthar, Cicchetti, & Becker, 2000, p. 2). O conceito utilizado prevê duas condições para a presença da resiliência: a exposição à adversidade severa e/ou ameaça significativa, bem como a conquista de adaptação positiva (Shean, 2015).

Um artigo (A6) utiliza especificamente o conceito de resiliência relacional de Judith Jordan (2013), que preconiza que a resiliência se encontra na capacidade de realizar conexões ao invés de ser característica do indivíduo. Esse conceito está inserido dentro da teoria de Jordan, chamada Teoria Relacional-Cultural, que postula que todo crescimento ocorre dentro de relacionamentos, ou, conforme a autora, “através de, e rumo à conexão” (Jordan, 2008, p. 2). Para a teórica, a noção de crescimento da dependência à autonomia seria equivocada, devido à necessidade de relacionamentos durante a vida, sendo por meio deles que os indivíduos adquirem um senso de segurança e bem-estar (Jordan, 2008). Outro artigo (A2) utiliza também um conceito mais específico, a resiliência ao suicídio proposta por Osman e

colaboradores e definida por “habilidade, recursos e competência percebidos que são utilizados para regular pensamentos, atitudes e sentimentos relacionados ao suicídio” (Osman et al., 2004, p. 1351).

Dois artigos contextualizam a resiliência a partir da conceitualização de Masten (2014) dentro da teoria de Illan Meyer sobre estresse de minoria (A1 e A10), a considerando enquanto fator protetivo dentro da abordagem. Meyer define estresse de minoria enquanto modelo que demonstra que as circunstâncias do ambiente, em especial àquelas relacionadas ao estigma e preconceito, podem apresentar estressores únicos à população LGBT (Meyer, 2015). Para o autor, a resiliência é fator que modera estressores de minorias e prognósticos de saúde mental, possuindo significado frente ao estresse e sendo essencial no entendimento do estresse de minoria. A resiliência configura-se, portanto, enquanto “qualidade de conseguir sobreviver e prosperar frente à adversidade” (Meyer, 2015, p. 210). A Tabela 2 sintetiza os conceitos de resiliência utilizados nos artigos componentes da amostra final.

Tabela 2

Conceitos de resiliência utilizados na amostra

<u>Artigo</u>	<u>Conceito de resiliência</u>
A1 - Stigma, mental Health, and Resilience in an Online Sample of the US Transgender Population	“Qualidade de conseguir sobreviver e prosperar frente à adversidade” (Meyer, 2015, pg. 210)
A2 -Suicide protective factors among trans adults	Resiliência ao suicídio: habilidade, recursos e competência percebidos que são utilizados para regular pensamentos, atitudes e sentimentos relacionados ao suicídio (Osman et al., 2004).
A3 - Female-to-Male Transmasculine Adult Health: A Mixed-Methods Community-Based Needs Assessment	Processo dinâmico de adaptação positiva inserido em contexto de ameaça ou adversidade significativa (Lepore & Revenson, 2006; Luthar & Brown, 2007; Masten, 2001; Rutter, 1987)
A4 - Gender abuse and major depression among transgender women: A prospective study of vulnerability and resilience	Capacidade de se recuperar de trauma psicológico ou se adaptar com sucesso à adversidade; conceito genérico. (IOM, 2011.)

A5 - Demographic and psychosocial factors associated with psychological distress and resilience among transgender individuals	Capacidade de se adaptar positivamente (ou se recuperar) depois de passar por situações adversas. (Masten, 2002).
A6 - Experiencing Violence and Enacting Resilience: The Case Story of a Transgender Youth	Processo de/capacidade para/resultado de adaptação bem sucedida apesar de desafios e circunstâncias ameaçadoras (Garmezy & Masten, 1991); Visão abrangente de resiliência enquanto processo contínuo, conceito de resiliência relacional (Jordan, 2013).
A7 - Body image in transgender young people: Findings from a qualitative, community based study	Processo de adaptação e coping no contexto da adversidade (Herrick, Egan, Coulter, Friedman & Stall, 2014; Masten, Burt & Coatsworth, 2006)
A8 - The Impact of Social Connectedness and Internalized Transphobic Stigma on Self-Esteem Among Transgender and Gender Non-Conforming Adults	Capacidade de se adaptar positivamente (ou se recuperar) depois de passar por situações adversas. (Masten, 2002).
A9 - Understanding intersectionality and resiliency among transgender adolescents: Exploring pathways among peer victimization, school belonging, and drug use	Capacidade de superar e adaptar-se frente à adversidade (Luthar, 2000). Concepção multidimensional de resiliência, enquanto processo dinâmico e multifacetado. (Luthar & Becker, 2000)
A10 - Generational Differences in Internalized Transnegativity and Psychological Distress among Feminine Spectrum Transgender People	“Qualidade de conseguir sobreviver e prosperar frente à adversidade” (Meyer, 2015, pg. 210)
A11 - Internalized transphobia, resilience, and mental health: Applying the psychological mediation framework to Italian transgender individuals	Estratégia adaptativa pessoal usada por indivíduos que pode amenizar efeitos de estresse na saúde, envolvendo a adaptação a fatores de risco e capacidade de recuperar-se da adversidade. Habilidade de negociar com contextos sociais, gerando maior acesso a recursos. (Luthar, 2000) Zimmerman, 2013; Rainone et al., 2017).

Variáveis associadas à resiliência

A seguir, serão apresentados os conceitos e variáveis relacionados à resiliência, encontrados nos artigos e estudos componentes da amostra final. O “estresse de minoria”, a partir da formulação teórica de Meyer (2003), foi citado em grande parte dos estudos (A1, A3, A4, A5,, A8, A9, A10 e A11) a fim de elucidar os estressores e adversidades relacionados à população trans, que suscitam o processo de resiliência. Conforme previamente mencionado, o autor define seu modelo teórico a partir da noção de que populações minoritárias estariam sujeitas a estressores únicos e específicos à sua condição

enquanto minorias, especialmente aqueles relacionados ao preconceito. Esses estressores podem ser vivenciados durante toda vida, com possíveis impactos negativos sobre a saúde mental de minorias e, em especial, da população LGBT, na qual Meyer apresenta seu modelo teórico. Para o autor, a resiliência constitui-se fator essencial ao estresse de minoria, o que foi também identificado nos artigos que abordaram esse construto. Especificamente um artigo (A1) relaciona o estresse de minoria, em associação com a resiliência, como preditores de sofrimento psicológico.

Relacionamentos sociais foram relacionados à resiliência em parte considerável da amostra (A1, A3, A5, A6, A8 e A11). Especificamente, foram considerados relevantes à resiliência o apoio de pares trans (A1); a coesão, conexão e diversidade na comunidade à qual o indivíduo faz parte, além de envolvimento em atividades de ativismo (A3); o contato frequente com pares LGBT (A5); a conexão relacional com adultos que oferecem recursos e com pares LGBT (A6); a conectividade social, senso de pertencimento (A8), medida por meio da Escala de Conectividade Social (Lee & Robbins, 1995); e, possuir relacionamento romântico e fazer parte de associação de pessoas trans (A11).

Outra variável evidenciada em alguns estudos (A1, A4 e A10) como relacionada à resiliência é a idade, considerando o desenvolvimento da resiliência ao longo da vida. Dois estudos (A1 e A4) apresentaram dados demonstrando um aumento da resiliência à violência psicológica em indivíduos trans de maior idade, ou seja, maior resiliência no decorrer dos anos. O terceiro estudo (A10) propôs um efeito de maturação da resiliência conforme a idade, no qual o desenvolvimento da identidade propiciaria, da mesma forma, o desenvolvimento da resiliência.

A estabilidade emocional, avaliada por meio de subscala da *Suicide Resilience Scale* (SRS-25; Osman et al., 2004), foi levantada como relevante para a resiliência ao suicídio no estudo acerca da temática (A2), assim como a consciência (*awareness*) sobre si mesmo e

sobre os demais, para o processo de resiliência em outro estudo (A3). A autoestima foi outra variável relacionada à resiliência em uma das pesquisas (A8), sendo que ela é influenciada positivamente pela conectividade social e negativamente pelo preconceito transfóbico. No estudo, a autoestima foi medida por meio da Escala Rosenberg de Autoestima (Rosenberg, 1965).

Fazer parte de mais de um grupo minoritário (ex.: ser LGBT e ser imigrante) também foi levantado como possível fomentador de resiliência em um dos estudos (A9). Além disso, as transformações corporais foram evidenciadas como estratégias de resiliência para indivíduos trans em um dos artigos (A7), no qual os participantes relataram modificar sua aparência para não ser alvo de *bullying*, ao mesmo tempo que colocavam *piercings* e faziam tatuagens de forma a evidenciar sua resiliência frente à discriminação e violência. A Tabela 3 ilustra as diferentes variáveis relacionadas à resiliência presentes nos artigos:

Tabela 3

Variáveis relacionadas à resiliência

<u>Artigo</u>	<u>Variáveis</u>
A1 - Stigma, mental health, and resilience in an online sample of the us transgender population	Estresse de minoria e resiliência interação predizendo sofrimento psicológico.
A2 - Suicide protective factors among trans adults	Um dos fatores de resiliência ao suicídio, estabilidade emocional, demonstrou ser importante enquanto proteção ao comportamento suicida.
A3 - Female-to-male transmasculine adult health: A mixed-methods community-based needs assessment	Coesão e conexão da comunidade; ativismo/advocacia; consciência (awareness); diversidade dentro da comunidade.
A4 - Gender abuse and major depression among transgender women: A prospective study of vulnerability and resilience	Associação de depressão maior com violência de gênero psicológica é três vezes maior em mulheres trans mais jovens (19-30) do que em mulheres trans mais velhas (31-59).
A5 - Demographic and psychosocial factors associated with psychological distress and resilience among transgender individuals	Renda superior, heterossexualidade e contato frequente com pares LGBT como variáveis associadas positivamente à resiliência.
A6 - Experiencing violence and enacting resilience: The case story of a transgender youth	Conexão relacional (Jordan, 2013) como fonte de resiliência. Com família (tia, com adultos (terapeutas) e com pares LGBT.
A7 - Body image in transgender young people: Findings from a qualitative, community based study	Resiliência percebida em transformações corporais , seja para não sofrer bullying como por meio de tatuagens e piercings que remetam à superação de desafios.
A8 - The impact of social connectedness and internalized transphobic stigma on	Estresse de minoria; Social connectedness associada significativamente com maior autoestima, que é relacionada a

self-esteem among transgender and gender non-conforming adults	maior resiliência. Porém, preconceito transfóbico internalizado possui impacto negativo na autoestima de indivíduos trans.
A9 - Understanding intersectionality and resiliency among transgender adolescents: Exploring pathways among peer victimization, school belonging, and drug use	Estresse de minoria; resultados sugerem pertencimento a mais de um grupo vulnerável como forma de resiliência. Percepções de pertencimento enquanto fonte de resiliência.
A10 - Generational differences in internalized transnegativity and psychological distress among feminine spectrum transgender people	Estresse de minoria , idade com efeito de maturação entre pessoas transfemininas, pois pode haver desenvolvimento de habilidades de coping e apoio social , com aumento de resiliência. Indicações de resiliência enquanto processo ao longo da vida.
A11 - Internalized transphobia, resilience, and mental health: Applying the psychological mediation framework to Italian transgender individuals	Estresse de minoria, estar em relacionamento romântico e pertencer a uma associação trans forma associados a alta resiliência. Resiliência negativamente associada à problemas de saúde mental .

Discussão

De forma inicial, é importante apontar a ausência, na amostra, de estudo nacionais voltados à resiliência em pessoas trans. Apesar de haver literatura voltada à vulnerabilidade de pessoas trans no país (Benevides & Nogueira, 2019; BRASIL & Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2016; Rocon et al., 2018; Silva, 2018), ainda há carência de estudos relacionados a construtos de saúde mental enquanto resultados de pesquisas. Investigações existentes tendem a enfatizar as situações de violência vividas, em grande parte apresentando suas dificuldades em relação à serviços de saúde (Rocon, Rodrigues, Zamboni, & Pedrini, 2016; Rocon et al., 2018; Sousa & Iriart, 2018; Souza, Malvasi, Signorelli, & Pereira, 2015). Relatos de pessoas trans das pesquisas apontam para a discriminação em relação a identidade de gênero e falta de preparo por parte dos profissionais de saúde para atendimento à população trans, fatores que contribuem à dificuldade no acesso aos serviços básicos.

Apesar de ser inegável a importância na investigação mais aprofundada das vivências estigmatizantes de pessoas trans, considerando a pouca literatura, também se faz necessário investigar aspectos de saúde mental que amparem teoricamente intervenções a indivíduos transgênero. Em estudo realizado em Portugal voltado às expectativas e experiências de indivíduos LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros) em psicoterapia, evidenciou-se a

relevância da formação do terapeuta para o trabalho com essa população (Moleiro, Carla, & Pinto, 2009), formação esta que necessita de embasamento teórico e científico a fim de amparar tecnicamente futuros profissionais. Tal resultado vai ao encontro aos estudos brasileiros previamente citados que também concluem acerca da percepção da falta de conhecimento por parte de profissionais de saúde ao atender indivíduos trans (Rocon et al., 2016, 2018; Sousa & Iriart, 2018; Souza et al., 2015).

Além disso, a partir da 7ª edição das normas de atenção a pessoas *trans* e com variabilidade de gênero, publicada pela Associação Mundial de Profissionais de Saúde Trans (*World Professional Association for Transgender Health - WPATH*), há a menção explícita de serviços de psicoterapia enquanto, dentre outras funções, serviço para promoção de resiliência (Coleman et al., 2012), compreendida aqui enquanto construto promotor de saúde mental. De outra forma, há a demanda pela melhor compreensão do fenômeno, não só teoricamente, mas também para fins de amparo teórico aos profissionais de saúde mental. O estudo de Moleiro e colaboradores (2009) também apontou que indivíduos LGBT buscam esses profissionais como estratégia para enfrentar vivências de estigma e discriminação, ou seja, esperam que a psicoterapia seja espaço de promoção de saúde mental frente ao preconceito vivido.

Uma das formas de estudar a promoção e prevenção em saúde da população trans pode ser por meio da resiliência, foco do presente estudo. De fato, ainda que não explicita a conceitualização de resiliência utilizada, as normas de atenção publicadas pelas WPATH indicam o fator como correlacionado a menor índice de adoecimento mental, indo ao encontro à definição da *American Psychological Association (APA)* para a resiliência, entendida enquanto processo de adaptação bem-sucedida ao confrontar ameaças, tragédias, traumas ou fontes significativas de estresse. A definição da APA, no entanto, baseia-se na concepção generalizada do conceito, o qual não possui consenso para a literatura. Ao analisar

os conceitos utilizados pelos autores componentes da amostra, observou-se aquilo que já havia sido constatado por outros estudos, de que a grande variabilidade de conceitos utilizados dificulta a investigação mais aprofundada do processo de resiliência (Gurgel, Plentz, Joly, & Reppold, 2013; Kim, Lim, Kim, & Park, 2019; Meng, Fleury, Xiang, Li, & D'Arcy, 2018).

Em revisão narrativa da literatura voltada à resiliência e juventude, Shean (2015) sintetizou os principais teóricos no campo da resiliência, seus conceitos para o construto e pontos de similaridades e divergências. A autora elencou seis autores como pesquisadores-chave para o entendimento do campo: Michael Rutter, Norman Garmezy, Emmy Werner, Suniya Luthar, Ann Masten e Michael Ungar. Dos principais autores elencados pela revisão de Shean, três foram citados pelos artigos componentes da amostra a fim de conceituar resiliência, a saber: Ann Masten (A1, A5, A6 e A7), Suniya Luthar (A3, A9 e A11) e Michael Rutter (A2 e A11). Especificamente Rutter não é citado de forma direta, porém ampara instrumentos para avaliação de resiliência de Wagnild e Young (Wagnild & Young, 1993) (A11) e resiliência ao suicídio (A2), além de embasar o conceito de resiliência ao suicídio (percepção acerca de habilidades, competência e recursos para regular pensamentos, atitudes e sentimentos relacionados ao suicídio) de Osman (2004). É importante ressaltar que o instrumento de Wagnild e Young, a *Resilience Scale*, a qual é amparada na teoria de Rutter, é o único instrumento adaptado e validado para uso no Brasil (Gurgel et al., 2013; Pesce et al., 2005).

Michael Rutter define resiliência a partir do resultado satisfatório após experiência estressante ou adversa, em comparação a outros indivíduos que tenham passado pela mesma experiência (Rutter, 2012), ou seja, existe a situação adversa e o bom resultado frente a ela, e a isso chama-se resiliência. De outra forma, Suniya Luthar refere-se à resiliência como “processo dinâmico que engloba adaptação positiva em contexto de adversidade

significativa”(Luthar, Cicchetti, & Becker, 2000, p. 543). Já Ann Masten, a teórica mais utilizada em artigos da amostra, define a resiliência enquanto “capacidade de um sistema dinâmico se adaptar com sucesso às perturbações que ameacem a função, viabilidade ou desenvolvimento do sistema” (Masten, 2014, p. 6). Funcionamento positivo após situação de risco e/ou adversidade é comum a todas as definições, além de ênfase no caráter não-inato da resiliência (Shean, 2015), sendo esta a conceitualização abrangente utilizada pela APA e, da mesma forma, utilizada por artigos da amostra (A3 e A4). A resiliência em indivíduos trans pode ser percebida através da adaptação feita pelos mesmos em resposta ao contexto adverso em que estão inseridos. No estudo de Reisner et al.(2013), por exemplo, a busca por comunidades acolhedoras foi mencionada por indivíduos trans como forma de mitigar o preconceito vivido, enquanto que Singh, Hays, & Watson (2011) apontam a participação em ativismo social como fonte de resiliência à população trans.

Ao enumerar limitações metodológicas para as abordagens em resiliência elaboradas por seus principais teóricos, Shean (2015) identifica que, devido à utilização de abordagens quantitativas para investigar o construto, perde-se conteúdo pertinente e informações novas que poderiam elucidar o processo da resiliência em si. Da mesma forma, Yunes e Szymanski (2005) comentam afirmação semelhante ao apontar que não seria adequado utilizar instrumentos ao tentar investigar fenômeno no qual o processo possui maior importância do que simples relação entre variáveis. O estudo de caso de DiFulvio (2015) (A6) busca elucidar exatamente essa questão ao utilizar de metodologia qualitativa para descrever o desenvolvimento da resiliência em adolescente trans, conseguindo identificar de que forma esse desenvolvimento ocorre e quais fatores o promovem, a partir da perspectiva de resiliência relacional de Jordan (2008). Para a autora, o desenvolvimento do sujeito não segue rumo à autonomia, mas sim, sempre em direção a e inserido em relacionamentos, estando as relações sociais intimamente implicadas na identificação da resiliência, o que foi identificado

no artigo de DiFulvio através do relato de caso da adolescente Katie. A jovem relata depressão e tentativas de suicídio relacionadas à desconexão com os demais, causada pelo preconceito e violência, buscando não se envolver com colegas por temer por sua segurança. As relações estabelecidas por Katie com outros adolescentes LGBT em um centro comunitário foram cruciais para que ela pudesse formar laços de amizade e redes de apoio necessários para enfrentar as adversidades comuns à vivência transgênero. De acordo com a autora, o grupo de jovens forneceu à Katie espaço para “tomar algum tipo de atitude contra um sistema que a mantém alienada” (DiFulvio, 2015, p. 1398), além de experiências de amizade e conexão.

O apoio social e relacionamentos sociais de forma geral foram apontados não somente no estudo de caso, mas também em diversos outros artigos da amostra final, sendo a variável mais comumente associada ao processo de resiliência em indivíduos trans. Estudos nacionais voltados à essa população apresentam dados relacionados a apoio social entre pares trans como forma de lidar com situações de violência no cotidiano (Abreu et al., 2019; Lomando & Nardi, 2013; Magno, Dourado, & Da Silva, 2018; Zucchi, Barros, Redoschi, Deus, & Veras, 2019). A comunidade de apoio também foi levantada como relevante à resiliência em pessoas trans nos estudos de Singh et al. (2011) e Valentine & Shipherd (2018).

Corroborando os resultados encontrados, Puckett, Matsuno, Dyar, Mustanski, & Newcomb (2019) apontaram que apoio de familiares e amigos, juntamente com percepção de conexão da comunidade, foram importantes para saúde mental da amostra de 695 indivíduos trans. No entanto, apoio familiar foi o único associado à maior resiliência, ao passo que os artigos levantados apontaram para apoio de pares enquanto fonte de resiliência. Para os autores, ter uma base segura de apoio em casa pode auxiliar pessoas trans à se reestabelecerem (“*bounce back*”) frente a situações adversas. Em revisão narrativa de estudos quantitativos, McCann e Brown (2017) encontraram resultados semelhantes acerca de apoio

social, enfatizando a importância das comunidades e de redes de suporte a indivíduos trans na construção positiva de suas identidades. Além disso, apontaram o desenvolvimento de estratégias de resiliência em resposta a situações adversas comuns a populações minoritárias, como preconceito e discriminação, a partir da abordagem de Meyer (2003) de estresse de minoria, também utilizada por estudos componentes da amostra (A1 e A10).

A partir dos conceitos supracitados, os quais implicam na existência de situações adversas para o desenvolvimento do processo de resiliência, a teoria de estresse de minoria proposta por Illan Meyer (2003) e citada como aporte teórico em estudos componentes da amostra coloca-se como importante contribuição para o estudo da resiliência em pessoas trans. Além disso, entidades como o *Institute of Medicine* e a APA utilizaram e recomendaram a adoção da perspectiva em suas publicações voltadas às boas práticas no atendimento em saúde LGBT (APA (American Psychological Association), 2015; IOM (Institute of Medicine), 2011), o que sinaliza a necessidade da compreensão acerca de estresse de minoria a fim de contextualizar prognósticos de saúde mental em indivíduos transgênero.

Em termos gerais, “estresse de minoria” refere-se ao estresse crônico vivenciado por minorias sexuais e de gênero, sendo a estigmatização desses indivíduos a causadora de estresse (IOM, 2011). Para Meyer (2015), seu modelo teórico demonstra que estressores que acompanham indivíduos LGBT ao longo da vida podem surgir a partir de circunstâncias ambientais, em especial àquelas relacionadas ao estigma e preconceito. De forma a ilustrar a aplicação do conceito do autor para a população trans, pode-se referir ao estudo etnográfico de Souza e colaboradores (2012) que acompanhou o cotidiano de travestis do sul do Brasil. Os pesquisadores realizaram entrevistas, observações participantes e acompanhamentos ao cotidiano e itinerário das travestis, podendo visualizar a forma como a violência permeia as vivências das mesmas em diferentes contextos, seja na família, na escola, na delegacia ou nos serviços de saúde. Os relatos incluíam situações de violência física, como facadas e surras,

violência psicológica, como humilhação e preconceito, além de descaso por parte dos serviços que deveriam proteger e assistir os indivíduos, como a Delegacia da Mulher e postos de saúde. A vivência da violência está, segundo as participantes do estudo, calcada em suas identidades enquanto travestis, ou, conforme os autores, a violência não é fenômeno excepcional para elas, mas sim está posta como “parte constituinte” de suas vidas (Souza et al., 2015, p. 770). A pesquisa de Souza, portanto, corrobora com a tese de Meyer (2003) que, para além dos estressores do cotidiano, indivíduos LGBT possuem fontes de estresse baseadas em, e como consequências de, suas identidades.

Para além da conceitualização de estresse de minoria, Meyer também aponta caminhos para a investigação do construto de resiliência. Para o autor, a resiliência a partir de sua perspectiva é essencial para compreensão do modelo, considerando que a mesma só “possui significado frente ao estresse, e, portanto, é parte essencial ao entendimento do estresse de minoria” (Meyer, 2015, p. 209). Meyer conceitualiza resiliência enquanto tudo aquilo que leva à maior adaptação positiva frente a adversidade, nesse caso, ao estresse de minoria, utilizando como base para o conceito a pesquisadora Ann Masten, citada anteriormente. As participantes do estudo de Souza e colaboradores (2012) relatam diferentes estratégias como forma de enfrentar cotidianos permeados de violência, como a utilização do humor e apoio de pares travestis. Nas palavras de uma das participantes, essas estratégias são necessárias pois “buscar um tratamento na saúde porque ficamos deprimidas é difícil, porque as pessoas acham que, se queremos ser travestis, o azar é nosso. Então, para não adoecer, a gente busca outras formas de não se deprimir” (Souza et al., 2015, p. 771).

Ao considerar a necessidade de incorporação da perspectiva de estresse de minoria ao investigar saúde mental LGBT, bem como a relevância do conceito de resiliência para o melhor entendimento do modelo de Meyer, novas pesquisas nacionais acerca da aplicabilidade do estresse de minoria ao contexto brasileiro devem ser conduzidas. Já existem

estudos no país que utilizam a abordagem (Brandelli Costa et al., 2019; Chinazzo, 2019; Garcia & de Souza, 2010; Paveltchuk, Damásio, & Borsa, 2019) e também que apontam indícios para a necessidade de adaptação de determinados construtos, como pesquisa de Dunn e colaboradores (2014) com amostra de homens gays brasileiros, a qual demonstrou a aplicabilidade, de forma geral, do modelo de estresse de minoria ao contexto brasileiro. Apesar de resultado positivo relacionado à possibilidade da utilização do modelo, o estudo enfatizou que devem ser levadas em consideração as diferenças socioculturais entre Brasil e EUA, país no qual a maioria dos estudos sobre o tema são baseados, ao aplicar conceitos da teoria de estresse de minoria no Brasil.

Considerações finais

A população transgênero possui caráter especialmente vulnerável ao considerar sua maior exposição a situações estressantes e de caráter violento. Por meio dos resultados levantados a partir da revisão realizada, objetivou-se analisar publicações nacionais e internacionais acerca da resiliência na população transgênero, a fim de sintetizar o que foi investigado na literatura sobre o tema. De forma específica, buscou-se identificar possíveis contribuições da resiliência enquanto fator protetivo em pessoas trans. Em especial, os relacionamentos sociais foram levantados enquanto promotores de resiliência, fator que deve ser considerado para intervenções com essa população. O modelo teórico de estresse de minoria, citado por diversos estudos componentes da amostra, também deve ser investigado nacionalmente considerando suas contribuições para a literatura em saúde mental voltada à população LGBT.

A presente revisão possui como limitações a exclusão de estudos em idiomas diferentes do inglês, espanhol ou português, bem como de estudos que não estivessem indexados nas bases de dados definidas pelos pesquisadores. Além disso, estudos que não contivessem os descritores utilizados para as buscas, mas que por ventura estivessem dentro do tema da pesquisa, também não foram considerados para análise.

É importante destacar também a ausência de estudos nacionais na amostra final de análise como uma limitação bastante relevante, em especial em relação à generalização dos dados para diferentes contextos. Todos os estudos que fazem parte da amostra final estão em língua inglesa e não condizem necessariamente com a realidade brasileira, sendo a maioria deles advindos de países do hemisfério norte, como EUA e Canadá. Apesar de estudos nacionais e internacionais apontarem vivências de violência e estresse semelhantes entre pessoas trans de diferentes localidades, deve-se ter cautela ao considerar os resultados apresentados como comuns a toda a população transgênero. Novos estudos devem ser

realizados em âmbito nacional acerca da resiliência em pessoas trans, a fim de obter dados mais fidedignos e condizentes com o contexto brasileiro.

Referências

- Abreu, P. D. de, Araújo, E. C. de, Vasconcelos, E. M. R. de, Ramos, V. P., Moura, J. W. da S., Santos, Z. C. dos, & Santos, C. B. dos. (2019). Dinâmicas da rede social das jovens transexuais femininas que (con) vivem com HIV / aids. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 72(5), 7.
- American Psychological Association. (2011). The Road to Resilience. *The Road to Resilience*, 9. <https://doi.org/10.1080/03071847.2015.1123948>
- APA. (2015). Guidelines for Psychological Practice With Transgender and Gender Nonconforming People. *American Psychologist*, 70(9), 832–864.
- Austin, A., & Goodman, R. (2017). The Impact of Social Connectedness and Internalized Transphobic Stigma on Self-Esteem Among Transgender and Gender Non-Conforming Adults. *Journal of Homosexuality*, 64(6), 825–841.
<https://doi.org/10.1080/00918369.2016.1236587>
- Balzer, C., & Hutta, J. S. (2011). Direitos Humanos e Identidade de Gênero: Relatório temático de Thomas Hammarberg comissário de direitos humanos. In *Transrespeito versus Transfobia no Mundo* (Vol. 5). Berlim.
- Balzer, C., Lagata, C., & Berredo, L. (2016). 2,190 murders are only the tip of the iceberg – An introduction to the Trans Murder Monitoring project TMM annual report 2016. *TvT Publication Series*, 14(14), 1–28. Retrieved from www.tgeu.org%0Awww.transrespect.org
- Bariola, E., Lyons, A., Leonard, W., Pitts, M., Badcock, P., & Couch, M. (2015). Demographic and psychosocial factors associated with psychological distress and resilience among transgender individuals. *American Journal of Public Health*, 105(10),

2108–2116. <https://doi.org/10.2105/AJPH.2015.302763>

Başar, K., Öz, G., & Karakaya, J. (2016). Perceived Discrimination, Social Support, and Quality of Life in Gender Dysphoria. *Journal of Sexual Medicine, 13*(7), 1133–1141. <https://doi.org/10.1016/j.jsxm.2016.04.071>

Benevides, B., & Nogueira, S. (2019). *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018*. 1–60.

Bockting, W. O., Miner, M. H., Swinburne Romine, R. E., Hamilton, A., & Coleman, E. (2013). Stigma, mental health, and resilience in an online sample of the US transgender population. *American Journal of Public Health, 103*(5), 943–951. <https://doi.org/10.2105/AJPH.2013.301241>

Brandelli Costa, A., Paveltchuk, F. O., Lawrenz, P., Vilanova, F., Borsa, J. C., Damasio, B., ... Dunn, T. L. (2019). *Protocolo para Avaliar o Estresse de Minoria em Lésbicas, Gays e Bissexuais*.

BRASIL, & Secretaria Especial de Direitos Humanos. (2016). *Relatório de Violência Homofóbica no Brasil: ano 2013*. Retrieved from <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/dados-estatisticos/Relatorio2013.pdf>

Bry, L. J., Mustanski, B., Garofalo, R., & Burns, M. N. (2017). Resilience to Discrimination and Rejection Among Young Sexual Minority Males and Transgender Females: A Qualitative Study on Coping With Minority Stress. *Journal of Homosexuality, 65*(11), 1435–1456. <https://doi.org/10.1080/00918369.2017.1375367>

Bryan, C., O’Shea, D., & MacIntyre, T. (2019). Stressing the relevance of resilience: a systematic review of resilience across the domains of sport and work. *International Review of Sport and Exercise Psychology, 12*(1), 70–111.

<https://doi.org/10.1080/1750984X.2017.1381140>

Budge, S. L., Chin, M. Y., & Minero, L. P. (2017). *Trans Individuals' Facilitative Coping:*

An Analysis of Internal and External...: EBSCOhost. 64(1), 12–25. Retrieved from

<http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=0&sid=71ab9c8c-95c9-4433-944b-5e72f9e5c507%40sessionmgr4009>

Chinazzo, Í. R. (2019). *PREVALÊNCIA DE SINTOMAS DEPRESSIVOS, IDEAÇÃO*

SUICIDA E TENTATIVA DE SUICÍDIO EM PESSOAS TRANS E O IMPACTO DO ESTRESSE DE MINORIA.

Coleman et al., & (WPATH), W. P. A. for T. H. (2012). *Normas de atenção à saúde das pessoas trans e com variabilidade de gênero.* (7ª versão), 1–123.

DiFulvio, G. T. (2015). Experiencing Violence and Enacting Resilience: The Case Story of a Transgender Youth. *Violence Against Women*, 21(11), 1385–1405.

<https://doi.org/10.1177/1077801214545022>

Dunn, T. L., Gonzalez, C. A., Brandelli Costa, A., Caetano Nardi, H., & Iantaffi, A. (2014).

Does the Minority Stress Model Generalize to a Non-U.S. Sample? An Examination of Minority Stress and Resilience on Depressive Symptomatology Among Sexual Minority Men in Two Urban Areas of Brazil. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 1(2), 117–131. <https://doi.org/10.1037/sgd0000032>

<https://doi.org/10.1037/sgd0000032>

Factor, R. J., & Rothblum, E. D. (2008). A study of transgender adults and their non-

transgender siblings on demographic characteristics, social support, and experiences of violence. *Journal of LGBT Health Research*, 3(3), 11–30.

<https://doi.org/10.1080/15574090802092879>

Fontes, A. P., Fattori, A., D'Elboux, M. J., & Guariento, M. E. (2015). Resiliência

psicológica: fator de proteção para idosos no contexto ambulatorial. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 18(1), 7–17. <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2015.13201>

Freese, R., Ott, M. Q., Rood, B. A., Reisner, S. L., & Pantalone, D. W. (2017). Distinct Coping Profiles Are Associated With Mental Health Differences in Transgender and Gender Nonconforming Adults. *Journal of Clinical Psychology*, 74(1), 136–146. <https://doi.org/10.1002/jclp.22490>

Garcia, A., & de Souza, E. M. (2010). Sexualidade e trabalho: Estudo sobre a discriminação de homossexuais masculinos no setor bancário. *Revista de Administracao Publica*, 44(6), 1353–1377. <https://doi.org/10.1590/S0034-76122010000600005>

Gooding, P. A., Hurst, A., Johnson, J., & Tarrier, N. (2012). Psychological resilience in young and older adults. *International Journal of Geriatric Psychiatry*, 27(3), 262–270. <https://doi.org/10.1002/gps.2712>

Gurgel, L. G., Plentz, R. D. M., Joly, M. C. R. A., & Reppold, C. T. (2013). Avaliação da resiliência em adultos e idosos: revisão de instrumentos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 30(4), 487–496. <https://doi.org/10.1590/s0103-166x2013000400002>

Hatchel, T., & Marx, R. (2018). Understanding intersectionality and resiliency among transgender adolescents: Exploring pathways among peer victimization, school belonging, and drug use. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 15(6). <https://doi.org/10.3390/ijerph15061289>

Hughto, J. M. W., Reisner, S. L., & Pachankis, J. E. (2015). Trans Stigma and Health: A critical review. *Soc Sci Med.*, 222–231. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2015.11.010>. Transgender

- IOM (Institute of Medicine). (2011). The health of lesbian, gay, bisexual, and transgender people: building a foundation for better understanding. In *The National Academy Press*. Washington, DC.
- Jackman, K. B., Dolezal, C., & Bockting, W. O. (2018). Generational Differences in Internalized Transnegativity and Psychological Distress among Feminine Spectrum Transgender People. *LGBT Health*, 5(1), 54–60. <https://doi.org/10.1089/lgbt.2017.0034>
- Jordan, J. V. (2008). Recent developments in relational-cultural theory. *Women and Therapy*, 31(2–4), 1–4. <https://doi.org/10.1080/02703140802145540>
- Kim, G. M., Lim, J. Y., Kim, E. J., & Park, S. M. (2019). Resilience of patients with chronic diseases: A systematic review. *Health and Social Care in the Community*, 27(4), 797–807. <https://doi.org/10.1111/hsc.12620>
- Lee, R. M., & Robbins, S. B. (1995). Measuring Belongingness: The Social Connectedness and the Social Assurance Scales. *Journal of Counseling Psychology*, 42(2), 232–241. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.42.2.232>
- Lomando, E., & Nardi, H. C. (2013). Conjugalidades múltiplas nas travestilidades e transexualidades: uma revisão a partir da abordagem sistêmica e da psicologia social. *Saúde Em Debate*, 37(98), 493–503. <https://doi.org/10.1590/s0103-11042013000300013>
- Luthar, S. S., Cicchetti, D., & Becker, B. (2000). The construct of resilience: a critical evaluation and guidelines for future work. *Child Development*, 71(3), 543–562.
- Magno, L., Dourado, I., & Da Silva, L. A. V. (2018). Stigma and resistance among travestis and transsexual women in Salvador, Bahia State, Brazil. *Cadernos de Saude Publica*, 34(5). <https://doi.org/10.1590/0102-311x00135917>
- Masten, A. S. (2014). Global Perspectives on Resilience in Children and Youth. *Child*

Development, 85(1), 6–20. <https://doi.org/10.1111/cdev.12205>

Masten, A. S., & Cicchetti, D. (2016). Resilience in Development: Progress and Transformation. *Developmental Psychopathology*, 1–63.
<https://doi.org/10.1002/9781119125556.devpsy406>

McCann, E., & Brown, M. (2017). Discrimination and resilience and the needs of people who identify as Transgender: A narrative review of quantitative research studies. *Journal of Clinical Nursing*. <https://doi.org/10.1111/jocn.13913>

McGuire, J. K., Doty, J. L., Catalpa, J. M., & Ola, C. (2016). Body image in transgender young people: Findings from a qualitative, community based study. *Body Image*, 18, 96–107. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2016.06.004>

Meng, X., Fleury, M. J., Xiang, Y. T., Li, M., & D’Arcy, C. (2018). Resilience and protective factors among people with a history of child maltreatment: a systematic review. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 53(5), 453–475.
<https://doi.org/10.1007/s00127-018-1485-2>

Mereish, E. H., O’Cleirigh, C., & Bradford, J. B. (2014). Interrelationships between LGBT-Based Victimization, Suicide, and Substance Use Problems in a Diverse Sample of Sexual and Gender Minority Men and Women. *Psychol Health Med*.
<https://doi.org/10.1080/13548506.2013.780129>

Meyer, I. H. (2003). Prejudice, Social Stress, and Mental Health in Lesbian, Gay, and Bisexual Populations: Conceptual Issues and Research Evidence. *Psychological Bulletin*, 129(5), 674–697. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.5.674>

Meyer, I. H. (2015). Resilience in the Study of Minority Stress and Health of Sexual and Gender Minorities. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 2(3), 209–

213. <https://doi.org/10.1037/sgd0000132>

- Moleiro, Carla; Pinto, N. (2009). Diversidade e psicoterapia: expectativas e experiências de pessoas LGBT acerca das competências multiculturais de psicoterapeutas. *Ex Aequo*, (20), 159–172. Retrieved from http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602009000200015&lang=pt%0Ahttp://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n20/n20a15.pdf
- Moody, C., & Smith, N. G. (2013). Suicide protective factors among trans adults. *Archives of Sexual Behavior*, 42(5), 739–752. <https://doi.org/10.1007/s10508-013-0099-8>
- Nuttbrock, L., Bockting, W., Rosenblum, A., Hwahng, S., Mason, M., Macri, M., & Becker, J. (2014). Gender abuse and major depression among transgender women: A prospective study of vulnerability and resilience. *American Journal of Public Health*, 104(11), 2191–2198. <https://doi.org/10.2105/AJPH.2013.301545>
- Osman, A., Gutierrez, P. M., Muehlenkamp, J. J., Dix-Richardson, F., Barrios, F. X., & Kopper, B. A. (2004). Suicide resilience inventory-25: Development and preliminary psychometric properties. *Psychological Reports*, 94(3 II), 1349–1360. <https://doi.org/10.2466/pr0.94.3c.1349-1360>
- Pavelchuk, F. O., Damásio, B. F., & Borsa, J. C. (2019). Impact of sexual orientation, social support and family support on minority stress in LGB people. *Temas Em Psicologia*, 27(3), 735–748. <https://doi.org/10.9788/tp2019.3-10>
- Pesce, R. P., Assis, S. G., Avanci, J. Q., Santos, N. C., Malaquias, J. V., & Carvalhaes, R. (2005). Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. *Cadernos de Saúde Pública*, 21(2), 436–448. <https://doi.org/10.1590/s0102-311x2005000200010>

- Peveri, L. (2008). *RESILIENZA E REGOLAZIONE DELLE EMOZIONI. UN APPROCCIO MULTIMODALE*. UNIVERSITA' DEGLI STUDI DI MILANO - BICOCCA.
- Poole, J. C., Pusch, D., & Dobson, K. S. (2017). Childhood adversity and adult depression: The protective role of psychological resilience. *Child Abuse and Neglect*, *64*, 89–100. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2016.12.012>
- Puckett, J. A., Matsuno, E., Dyar, C., Mustanski, B., & Newcomb, M. E. (2019). Mental health and resilience in transgender individuals: What type of support makes a difference? *Journal of Family Psychology*. <https://doi.org/10.1037/fam0000561>
- Reisner, S. L., Gamarel, K. E., Dunham, E., Hopwood, R., & Hwahng, S. (2013). Female-to-Male Transmasculine Adult Health: A Mixed-Methods Community-Based Needs Assessment. *Journal of the American Psychiatric Nurses Association*, *19*(5), 293–303. <https://doi.org/10.1177/1078390313500693>
- Rocon, P. C., Rodrigues, A., Zamboni, J., & Pedrini, M. D. (2016). Dificuldades vividas por pessoas trans no acesso ao Sistema Único de Saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, *21*(8), 2517–2526. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015218.14362015>
- Rocon, P. C., Sodré, F., Zamboni, J., Rodrigues, A., & Roseiro, M. C. F. B. (2018). O que esperam pessoas trans do sistema único de saúde? *Interface: Communication, Health, Education*, *22*(64), 43–53. <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0712>
- Rosenberg, M. (1965). Society and the adolescent self-image. In *Princeton University Press*. <https://doi.org/10.2307/2575639>
- Rutter, M. (2012). Resilience as a dynamic concept. *Development and Psychopathology*, *24*(2), 335–344. <https://doi.org/10.1017/S0954579412000028>
- Scandurra, C., Bochicchio, V., Amodeo, A. L., Esposito, C., Valerio, P., Maldonato, N. M.,

- ... Vitelli, R. (2018). Internalized transphobia, resilience, and mental health: Applying the psychological mediation framework to Italian transgender individuals. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 15(3).
<https://doi.org/10.3390/ijerph15030508>
- Shean, M. (2015). Current theories relating to resilience and young people: a literature review. *Victorian Health Promotion Foundation*, 1.
<https://doi.org/10.1002/9780470939406.ch20>
- SILVA, M. V. M. (2018). *Violência LGBTFóbicas no Brasil: dados da violência*. 79.
Retrieved from <https://www.mdh.gov.br/biblioteca/consultorias/lgbt/violencia-lgbtfobicas-no-brasil-dados-da-violencia>
- Smith, B. W., Dalen, J., Wiggins, K., Tooley, E., Christopher, P., & Bernard, J. (2008). The brief resilience scale: Assessing the ability to bounce back. *International Journal of Behavioral Medicine*, 15(3), 194–200. <https://doi.org/10.1080/10705500802222972>
- Sousa, D., & Iriart, J. (2018). “Viver dignamente”: necessidades e demandas de saúde de homens trans em Salvador, Bahia, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 34(10).
<https://doi.org/10.1590/0102-311x00036318>
- Souza, M. H. T. de, Malvasi, P., Signorelli, M. C., & Pereira, P. P. G. (2015). Violência e sofrimento social no itinerário de travestis de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 31(4), 767–776. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00077514>
- Valentine, S. E., & Shipherd, J. C. (2018). A systematic review of social stress and mental health among transgender and gender non-conforming people in the United States. *Clinical Psychology Review*, 66(September 2017), 24–38.
<https://doi.org/10.1016/j.cpr.2018.03.003>

Wagnild, G. M., & Young, H. M. (1993). Development and Psychometric Evaluation of the Resilience Scale. *Journal of Nursing Measurement*, Vol. 1, pp. 165–178.

<https://doi.org/10.1080/08927936.2018.1406203>

Yunes, M. A. M., & Szymanski, H. (2005). Entrevista reflexiva & grounded-theory: Estratégias metodológicas para compreensão da resiliência em famílias. *Interamerican Journal of Psychology*, 39(3), 1–8.

Zucchi, E. M., Barros, C. R. D. S., Redoschi, B. R. L., Deus, L. F. A. de, & Veras, M. A. de S. M. (2019). Bem-estar psicológico entre travestis e mulheres transexuais no Estado de São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saude Publica*, 35(3), e00064618.

<https://doi.org/10.1590/0102-311X00064618>